ISSN: 2358-8829

A METODOLOGIA MAKER NAS PRÁXIS DOCENTES NA FASE CRECHE EM MANAUS

Joice Alves de Souza [1]
Bruna da Silva Marques[2]
Ana Caroline Silva de Almeida [3]
Raylane Araújo Rocha Cardoso[4]
João Raimundo dos Santos Silva Júnior[5]

INTRODUÇÃO

A instituição creche é o primeiro contato dos bebês e das crianças bem pequenas com o ambiente escolar. Nesse sentido, as instituições que disponibilizam o atendimento educativo ao público infantil necessitam oferecer uma infraestrutura adequada, elaborar um currículo coerente a fase, organizar uma rotina diária condizente e realizar atividades educativas visando suprir as necessidades das dimensões humanas: física, social, cognitiva e emocional dos cognoscentes, numa perspectiva de desenvolvimento integral. Dessa maneira, as medidas adotadas devem vislumbrar a possibilidade de criar um clima escolar acolhedor, agradável, seguro e inclusivo.

Em nosso país, o professorado do segmento infantil fundamenta suas práticas educativas nos eixos estruturantes: interações e brincadeiras. Assim, as professoras vinculadas a fase creche planejam as sequências de atividades para trabalharem com os campos de experiências e com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento com as crianças bem pequenas (Brasil, 2018). Tais vivências viabilizam a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes, os quais são primordiais para a sua sobrevivência e seu convívio social. Desse modo ocorre o processo educativo dos cognoscentes matriculados nas instituições creches.

[1]Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Anhanguera – UNIDERP, joice.souza@semed.manaus.am.gov.br;
[2]Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Norte – UNINORTE, bruna.marques@semed.manaus.am.gov.br;
[3]Especialista em Neuropedagogia pela Faculdade Batista de Minas Gerais – FEBRAS, caroline.almeida@semed.manaus.am.gov.br ;
[4]Especialista em Gestão Escolar pelo Centro Universitário – UniBF, raylane.araujo@semed.manaus.am.gov.br;
[5]Doutor em Psicologia da Educação pela Pontíficia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, joao_psicologo@hotmail.com.

Nesse contexto, emerge a cultura maker como uma alternativa metodológica para balizar as práticas educativas nas instituições creches. Ela se configura como uma abordagem educacional que estimula a imaginação, criatividade, colaboração e inovação, por meio da aplicação da filosofia mão na massa (*hands-on*) e da possiblidade da utilização de materiais recicláveis como recurso didático-pedagógico. Além disso, suscita a postura ativa das crianças bem pequenas em seu processo educativo, mediado pelo professor (Silva Júnior et al, 2026). Dessa forma, as atividades educativas tornam-se mais práticas e significativas aos cognoscentes.

A partir dessa realidade, as professoras de uma creche elaboraram um projeto educativo explorando a metodologia maker. Para isso, elaboraram uma sequência de atividades, envolvendo o campo de experiência espaço, tempo, quantidade, relações e transformações, sendo escolhido o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas (Manaus, 2021). Tal ação educativa é a matriz deste relato de experiência, o qual teve como finalidade compartilhar práticas educativas com crianças bem pequenas envolvendo as tecnologias no contexto amazônico.

A realização da sequência de atividades proporcionou os seguintes resultados: o aprofundamento teórico das profissionais quanto a aplicação da metodologia maker na creche, a realização de práticas educativas envolvendo as tecnologias tradicionais e manuais, a ressignificação dos materiais reciclados na prática docente, o planejamento de atividades educativas lúdicas, as vivências de aprendizagem significativa às crianças bem pequenas e a construção de sensações, percepções, noções e transformações da água no ambiente pelos cognoscentes. Desse modo, o aprendizado das crianças bem pequenas ocorreu através da ludicidade.

Enfim, a apresentação deste trabalho sobre a metodologia maker nas práticas docentes em creche mostrou-se fundamental. Por um lado, viabiliza a reflexão por parte do professorado quanto a utilização dos constructos teórico-práticos da área das tecnologias nas atividades educativas com crianças bem pequenas. Por outro, possibilita a construção de habilidades pelos cognoscentes que favorece a interação com o mundo digital característico da sociedade contemporânea (Brasil, 2022). Portanto, a cultura maker como metodologia viabiliza o aprendizado e o desenvolvimento infantil.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O trabalho apresentado é um relato de experiência sobre a prática educativa de professores da fase creche da educação infantil. Ele está fundamentado na epistemologia qualitativa, norteado pelo enfoque descritivo, que favorece a descrição do processo de aprendizagem, discorrendo sobre a apropriação das habilidades e competências pelas crianças bem pequenas assistidas pelo serviço educacional em Manaus (Gil, 2010). Os dados analisados foram extraídos dos relatórios e dos cadernos de registros das docentes, sendo apreciados pelo método observacional. Desse modo, os resultados alcançados serão expostos neste artigo.

Nessa perspectiva, as profissionais seguiram as orientações técnicas e éticas das Resoluções nº 466/2012, e nº 510/2016, do Ministério da Saúde (MS), que abordam a realização de estudos envolvendo seres humanos. Por este motivo, as experiências foram planejadas respeitando a fase de desenvolvimento biopsicossocial infantil e vislumbrando a segurança e o bem-estar das crianças bem pequenas, durante e após a intervenção educativa; outrossim, os pais e/ou responsáveis foram comunicados da ação por meio de atos técnico-administrativos. Dessa forma, a produção deste relato obedeceu às normas científicas e éticas.

Durante o planejamento da sequência de atividades, as professoras escolheram a cultura maker como estratégia metodológica. De acordo com Silva Júnior et al (2026), ela se configura como uma abordagem educacional que se insere nas metodologias ativas, que estimula uma postura mediadora do docente e incentiva o protagonismo e a autonomia infantil durante as vivências lúdicas na construção do aprendizado na fase creche da educação infantil. Desse modo, a metodologia maker pauta-se no trabalho coletivo, na resolução de desafios e problemas, na experimentação e na reflexão no processo de aprendizagem.

A sequência de atividades foi realizada em uma creche vinculada à rede pública municipal manauara, localizada no bairro Cidade Nova, zona norte de Manaus. As professoras planejaram uma série de ações interligadas, utilizando as tecnologias manuais e a água, visando proporcionar para as crianças bem pequenas do maternal I, das turmas A e B, turno integral, as vivências em ambientes secos, úmidos e molhados, considerando

o volume, a temperatura, o peso e o estados físicos da água. Dessa maneira, foi explorado o campo de experiência e o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento supracitados.

Quadro 1 – Descrição da Sequência de Atividade

1ª Ação	**Duração: 40 minutos**
1º momento: organizar o espaço seco na área externa da escola; 2º momento: conduzir as crianças ao espaço da atividade lúdica; 3º momento: disponibilizar brinquedos não estruturados no espaço seco; 4º momento: deixar as crianças livres para explorarem o ambiente seco; 5º momento: reconduzir as crianças a sala para a higienização.	
2ª Ação	**Duração: 40 minutos**
1º momento: organizar o espaço lúdico na área externa da escola; 2º momento: conduzir as crianças ao espaço da atividade lúdica; 3º momento: deixar as crianças interagirem entre si no espaço úmido; 4º momento: disponibilizar uma quantidade de água e recipientes pequenos; 5º momento: incentivar as crianças encherem e esvaziarem da água os recipientes; 6º momento: reconduzir as crianças a sala para serem enxutas com toalhas.	
3ª Ação	**Duração: 40 minutos**
1º momento: organizar o espaço lúdico na área externa da escola; 2º momento: conduzir as crianças ao espaço da atividade lúdica; 3º momento: disponibilizar para as crianças balões coloridos; 4º momento: estimular as crianças encherem os balões com água; 5º momento: orientar as crianças para levarem os balões com água até o freezer; 6º momento: reconduzir as crianças a sala de referência no interior da instituição.	
4ª Ação	**Duração: 40 minutos**
1º momento: organizar o espaço lúdico na área externa da escola; 2º momento: conduzir as crianças ao espaço da atividade lúdica; 3º momento: disponibilizar as crianças os balões coloridos congelados; 4º momento: incentivar as crianças a tocarem e manusearem o balão congelado; 5º momento: mostrar para as crianças a água congela dentro do balão (gelo); 6º momento: reconduzir as crianças a sala de referência no interior da instituição.	

Fonte: Creche Municipal Professora Maristela Martins Rebouças

As professoras executaram a avaliação da sequência de atividades realizada com as turmas do maternal I, A e B. Para tanto, elas elegeram como técnica a observação participante e como instrumento o caderno de anotações, que viabilizou o registro individual dos comportamentos e das atitudes das crianças bem pequenas durante as vivências. A realização do procedimento avaliativo não visava punir ou recompensar os cognoscentes, mas sim, acompanhar o desenvolvimento infantil, numa perspectiva integral (Brasil, 2010).

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Toda atividade realizada no âmbito da educação infantil possui a intencionalidade educativa (Brasil, 2018). Nesse sentido, ela se constitui como uma ação consciente e planejada do professorado, visando organizar as experiências que viabilizem a apropriação de conhecimentos, habilidades e atitudes pelas crianças bem pequenas, em seu processo de desenvolvimento. Ela perpassa a organização do planejamento, a estruturação da rotina diária, a seleção dos materiais didáticos, a escolha dos métodos e técnicas educativas pelo docente e outros. Contudo, no segmento infantil não se ensina, mas sim, educa-se e cuida-se simultaneamente.

Na educação infantil é essencial a mediação docente nas atividades educativas. Inicialmente, os professores de referência realizam a escuta e a observação das crianças bem pequenas matriculados na instituição educativa, no intuito de adquirirem informações de natureza qualitativa e quantitativa, que servirão de subsídio para a elaboração do planejamento. Sobre esse aspecto, enfatiza Libâneo (2013, p. 253), "o planejamento escolar – seja da escola, seja do professor – está condicionado pelo nível de preparo em que o aluno se encontra em relação às tarefas da aprendizagem". Portanto, o fazer educativo está atrelado ao nível de desenvolvimento dos cognoscentes.

Esse contexto educacional exige do professorado a aplicação do constructo da pedagogia sócio-histórico-cultural, que influencia as práticas docentes, principalmente no segmento infantil, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), forjada por Vigotski, que deve ser compreendida como:

> A distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela capacidade de resolver um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotski, 2007, p. 97).

As práticas educativas no segmento infantil devem ser concebidas dentro de uma perspectiva lúdica e progressiva, uma vez que a BNCC ratificou os eixos estruturantes: as interações e a brincadeira e os campos de experiências, preconizados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, bem como estabeleceu os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, que fundamentam as atividades na fase creche e pré-escola (Brasil, 2018). Assim, a metodologia pauta-se na ludicidade para construir as

habilidades motoras, sociais, cognitivas e afetivas das crianças bem pequenas na fase creche da etapa inicial da educação básica.

Nesse contexto, a cultura maker surge como uma alternativa metodológica que dá ênfase ao protagonismo infantil e à aprendizagem significativa. Ela explora o brincar investigativo, a socialização, a experimentação e a imaginação, utilizando materiais estruturados ou não, que colabora para a construção simbólica das crianças bem pequenas. Nesse constructo, a educação é centrada no respeito do tempo, do ritmo, do interesse e do modo de se desenvolver dos cognoscentes, mediada pela professora. Dessa maneira, ela se constitui como uma metodologia ativa que busca promover uma aprendizagem com sentidos e significados.

A cultura maker possui origem no movimento "faça você mesmo" (*Do it yourself*), gestado nos Estados Unidos da América (EUA), a partir da década de 1950, o qual defendia um estilo de vida mais sustentável, em que a pessoa poderia reutilizar materiais dando uma nova utilidade; consistia em uma contracultura ao consumismo, impulsionado pelo sistema capitalista. Ao ser introduzida na educação, fomenta o aprender fazendo, em que o cognoscente assume uma postura ativa em seu processo de aprendizagem (Carvalho, 2024). Desse modo, busca conciliar a teoria e a prática.

De acordo com Silva Júnior et al (2026), a cultura maker é caracterizada por ser uma metodologia construcionista. Além disso,

> A cultura maker é constituída por quatro pilares que viabilizam um ambiente construcionista de aprendizagem: a criatividade, a colaboração, a escalabilidade e a sustentabilidade. O primeiro, consiste na liberdade de experimentar e construir o conhecimento por suas próprias mãos; o segundo, no compartilhamento de saberes, habilidades, ideias por meio do trabalho coletivo; o terceiro, sucede a produção de objetos ou soluções que possam ser replicados, adaptados e ampliados em larga escala; e o último, refere-se ao uso consciente de recursos, o reaproveitamento e a ressignificação de produtos, visando reduzir o desperdício e o impacto ambiental. Dessa forma, ocorre a formação de pessoas mais conscientes do seu papel nos grupos sociais que formam a sociedade (Silva Júnior et al, 2026, p. 148).

A instituição creche ao investir na adoção de metodologias diversificadas ratifica sua consolidação como uma instituição educativa. Nesse sentido, rompe com práticas assistencialistas que marcam suas raízes históricas em nosso país, e reforça o fazer educativo em seu interior, balizado na indissociabilidade do binômio cuidar/educar, em que crianças bem pequenas são contempladas por um atendimento especializado em

processo de desenvolvimento (Nunes; Corsino; Didonet, 2011). Portanto, o professorado da fase creche fundamenta suas práticas na legislação educacional, nas diretrizes curriculares, nas teorias educacionais e na pedagogia da(s) infância(s) vislumbrando um processo de aprendizagem de qualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a realização da sequência de atividade as professores coletaram informações por meio da observação e do registro escrito. Tais dados foram submetidos a apreciação do método análise de conteúdo, que o agrupou em cinco categorias, quais sejam: o aprofundamento teórico acerca da metodologia maker na creche, a execução das vivências explorando as tecnologias manuais, a ressignificação de materiais reciclados na práxis docente, o planejamento de atividades lúdicas, a aprendizagem significativa das crianças bem pequenas e a construção de sensações, percepções, noções e transformações da água no ambiente pelos cognoscentes.

As professoras, aos escolherem a metodologia maker para direcionar as ações educativas, tiveram que aprofundar seus conhecimentos na estratégia metodológica. Para tanto, elas participaram da formação continuada sobre a temática realizada Gerência de Tecnologia Educacional (GTE), e leram e-books, capítulos de livro e artigos científicos. O estudo possibilitou conhecerem a historicidade da cultura maker, a filosofia mão na massa, os pilares fundamentais e a aplicação técnica. Segundo Nóvoa (2002), a qualificação permanente viabiliza a apropriação de recursos teórico-metodológicos nas práticas docentes no interior das escolas.

A promoção da formação de professores da educação infantil é indispensável para a melhoria das práticas educativas efetivadas nas instituições que atendem os bebês e as crianças bem pequenas. Em nosso país, a iniciativa foi alcançada depois de muitas lutas, como pontuam Silva Júnior e Sousa (2021):

> As políticas públicas e os programas formativos não foram criados e implantados somente pela vontade dos gestores das esferas governamentais, mas também pela luta constante e persistente da sociedade civil organizada, pesquisadores e técnicos educacionais, que durante décadas enfrentaram grandes embates com as forças políticas, fizeram pressão e articularam estratégias para implementação de ações para a melhoria na educação infantil, principalmente no âmbito de creches (Silva Júnior; Sousa, 2021, p. 149).

A sequência de atividades balizada pela metodologia maker corroborou para autonomia e protagonismo infantil. Durante as vivências no espaço lúdico, as crianças bem pequenas puderam manipular os brinquedos, explorar o recurso hídrico e puderam expressar suas sensações, percepções e noções. Esse contexto evidencia a importância do planejamento, no qual, conforme Libâneo (2013), o fazer educativo deve ser pautado no planejamento, para possibilitar o êxito no aprendizado. de cada atividade. O planejamento implica a escolha das tecnologias tradicionais e manuais a serem utilizadas e o desenho de uma sequência lógica das experiências e outros.

As professoras, nas vivências lúdicas com as crianças bem pequenas, utilizaram recursos didáticos não estruturados. Nesse sentido, as profissionais exploraram os brinquedos produzidos em atividades anteriores pelos cognoscentes com materiais reutilizáveis e reciclados, os quais foram usados para brincar, depositar, esvaziar e transportar a água. A reutilização dos materiais plásticos contribuiu para a ressignificação de sua utilidade. De acordo com Silva Júnior et al (2026), a cultura maker possui quatro pilares, sendo um deles a sustentabilidade, que visa a mudança no estilo de vida consumista, para um mais ecológico.

A organização do espaço lúdico foi primordial para a aprendizagem significativa. Nessa direção, as crianças bem pequenas tiveram condições e liberdade para dialogar, experimentar e testar suas hipóteses sobre as características da água, utilizando os brinquedos disponibilizados no ambiente; além disso, a mediação das professoras buscou mobilizar seus interesses e mantê-las motivadas na atividade, favorecendo apropriação de conhecimentos e habilidades. Dessa maneira, Brasil (2018), salienta que o fazer educativo deve propiciar o aprendizado e o se desenvolver dos cognoscentes, considerando sua fase de desenvolvimento.

Diante desse contexto, o Currículo Escolar Municipal de Manaus – CEM, publicado em 2021, enfatiza a compreensão do fazer educativo na fase creche, na rede pública de ensino manauense:

> Nessa perspectiva educativa concentramos nossos esforços em compreender e dinamizar práticas que atendam às crianças de Creche e Pré-Escola nas suas possibilidades de viver experiências de exploração e compreensão do mundo, construídas na relação com outros sujeitos, em diferentes repertórios culturais, espaços, brinquedos e materiais que favorecerão sua formação humana (Manaus, 2021, p. 80).

As vivências colaboraram para que crianças bem pequenas ampliassem seu conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes. A construção de sensações, percepções, noções e transformações sobre o elemento água pelos cognoscentes contribuiu para sua reaplicação em outras situações do cotidiano, uma vez que a aprendizagem é um processo acumulativo e contínuo, que viabiliza o ser humano torna-se um sujeito representante do seu grupo social e de sua época. Desse modo, para Vigotski (2007) a mente humana é constituída no social pelo social, onde um comportamento é a base para apropriação de um novo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura maker como uma alternativa metodológica revelou-se aplicável na fase creche da educação infantil. Ela possibilita o uso de recursos didáticos estruturados e não estruturados para viabilizar práticas educativas que contribuem para as crianças bem pequenas se apropriarem de conhecimentos, habilidades e atitudes de acordo com sua fase de desenvolvimento humano. A filosofia mão na massa (*hands-on*), coaduna com o que preconiza as orientações curriculares da BNCC e seu complemento, segundo a qual o cognoscente deve assumir o protagonismo em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Dessa forma, usufruir de uma aprendizagem significativa.

A efetivação da sequência de atividade evidenciou para as professoras a necessidade de observarem as peculiaridades de suas turmas: elas exerciam a docência com crianças bem pequenas, residentes de uma área urbana, integrantes de grupos familiares das camadas pobres, muitas vezes, a instituição creche era o único espaço extrafamiliar de socialização seguro e tinham acesso ao atendimento qualificado no acompanhamento do seu desenvolvimento integral. Dessa maneira, o processo educativo desses cognoscentes era marcado pelos fatores históricos, sociais, culturais e econômicos.

A produção deste relato de experiência foi uma situação ímpar na carreira do magistério das professoras. Desde o início da empreitada, com a elaboração, execução e avaliação do projeto educativo, foi marcada por inúmeros momentos de estudos, discussões e reflexões sobre o exercício da docência na creche, os objetivos educacionais que almejavam obter, a escolha da metodologia maker, a produção de artefatos tecnológicos com materiais reciclados e a relevância do planejamento. Desse modo, todas

as etapas descritas foram imprescindíveis e cooperaram para a apresentação deste trabalho a comunidade acadêmico-cientifica.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que nos conduziu pelo caminho da Pedagogia, e nos permitiu formar profissionais com princípios éticos;

À gestora da creche, Ivânia Teixeira de Morais, por apoiar nossas ações educativas na transformação das nossas práxis;

À pedagoga Yolanda dos Santos Level, pelo incentivo e companheirismo em nosso fazer educativo na instituição;

Às colegas de docência pela constante troca de ideias e apoio em todas as etapas deste projeto.

À equipe cultura digital na educação infantil da GTE/DDPM, pela orientação, disponibilidade e incentivo na construção deste relato;

Por fim, estendemos nossa gratidão a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** referenciais sobre Computação na Educação Básica. Brasília: MEC, 2022.

CARVALHO, Ana Beatriz Gomes Pimenta de. FAB LAB e educação no Brasil: as ações de disseminação da cultura maker na educação básica e no ensino superior. In: **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 17, p. 1-17, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tl/a/wmbkpchNNMHf8wYtkMgbhZB/?format=html&lang=pt. Acesso em: 24 dez. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MANAUS, Secretaria Municipal de Educação. **Currículo Escolar Municipal**: educação infantil. Manaus: SEMED, 2021.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002 (Educa. Fora de Colecção).

NUNES, Maria Fernanda Rezende; CORSINO, Patrícia; DIDONET, Vital. **Educação Infantil no Brasil**: primeira etapa da educação básica. Brasília: UNESCO/MEC/SEB/Fundação Orsa, 2011.

SILVA JÚNIOR, João Raimundo dos Santos; SOUSA, Clarilza Prado de. As Políticas Públicas e seus Impactos na Formação de Professores para Atuar em Creches no Brasil. In: SILVA, Dilma Antunes (Org.). **Educação Infantil:** políticas, práticas e formação professoras(es). Ponta Grossa, Paraná: Atena, 2021. p. 139-151.

SILVA JÚNIOR, João Raimundo dos Santos; LIMA, Ana Célia Farias de; BRAGA, Cleucineide Gonçalves Nogueira; BARBOSA, Francilene da Silva; SILVA, Gerla Gomes da. A formação continuada de professores: a cultura maker e as práticas educativas na creche. In: ATENA (Org.). **Educação, formação humana e políticas educacionais**. Ponta Grossa, Paraná: Atena Editora, 2026. p. 139-160.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.